

RELATÓRIO DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

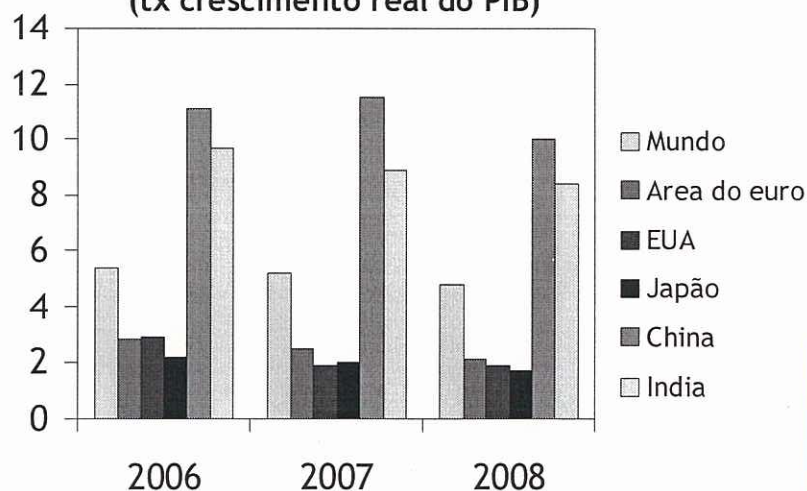
Dando cumprimento aos preceitos legais e estatutários, vem o Conselho de Administração da **Ocidental - Companhia Portuguesa de Seguros de Vida, S.A.** submeter à apreciação da Assembleia Geral, o Relatório e Contas referente ao exercício findo em 31 de Dezembro de 2007.

1. Enquadramento Geral da Actividade

Enquadramento económico e financeiro

Após vários anos de um enquadramento muito favorável, caracterizado por taxas de crescimento real do PIB mundial consistentemente robustas, pelo desenvolvimento extraordinário dos mercados e instrumentos financeiros, em particular do mercado de crédito, pelo aprofundamento da integração dos mercados mundiais, começaram a surgir indícios de alteração deste contexto durante o 1º semestre de 2007. O processo de reavaliação do risco que teve lugar a partir do Verão de 2007 tem vindo a condicionar o comportamento dos mercados financeiros globais e a elevar o grau de incerteza relativo à evolução da actividade económica em 2008. O receio de que o agravamento das condições financeiras contribua, numa segunda fase, para cristalizar este clima negativo motivou a adopção de medidas de natureza extraordinária por parte de alguns governos e dos Bancos Centrais das economias desenvolvidas, com o intuito de descontinuar o ciclo vicioso de aversão ao risco e promover o regular funcionamento dos mercados de capitais. Não obstante a reduzida exposição directa da economia portuguesa a estes desenvolvimentos, o elevado grau de integração e de abertura económica e financeira constitui um factor de exigência adicional para a consolidação dos progressos conseguidos em termos de redução do défice público, de recuperação da competitividade e de convergência no âmbito da União Europeia.

Actividade económica
(tx crescimento real do PIB)



Num contexto de recrudescimento das tensões inflacionistas – por pressão da procura e rigidez da oferta de matérias primas, com destaque para os bens alimentares e para a energia -, e perante o dilema de condescender com a complacência dos investidores ou incorrer no risco de precipitar a economia mundial num ciclo recessivo, as autoridades monetárias das economias desenvolvidas adoptaram uma postura pragmática, com o propósito de mitigar a deterioração das condições de liquidez, através da redução das taxas directoras (como no caso dos EUA e do Reino Unido), da flexibilização dos requisitos para a obtenção de fundos e na cedência de montantes invulgarmente elevados nas operações de mercado aberto.

Nos EUA, o Governo Federal promoveu um plano de actuação sobre o mercado de crédito à habitação visando reduzir o risco de um aumento substancial das insolvências ao longo de 2008; a Reserva Federal submeteu a consulta uma proposta de regulação da concessão de crédito destinado à habitação; e, ao nível da indústria tiveram lugar iniciativas com o propósito de conter os efeitos decorrentes da acentuada desvalorização de activos financeiros estruturados de crédito, nomeadamente no sentido de limitar uma potencial alienação forçada destes activos por parte de investidores institucionais.

Nos próximos meses, o sucesso destas medidas será determinante para o retomar o clima de maior confiança entre os investidores e para o desbloquear das anomalias que se verificam no mercado de capitais. Todavia, não deverá evitar o abrandamento da actividade económica mundial que se perspectiva. De facto, tem-se assistido a uma revisão, em baixa, das projecções de crescimento económico, de maior magnitude para 2008 e para os EUA, onde o risco para o desempenho do sector imobiliário e a respectiva influência nas decisões de consumo privado se afigura mais elevado. O nosso cenário privilegia um crescimento económico nos EUA e na UEM semelhante, em cerca de 2%, mas qualitativamente diferente, dado que enquanto para a Área do Euro representa um andamento em linha com o nível de crescimento potencial da economia, no caso dos EUA, o crescimento é inferior ao seu nível de crescimento potencial. Para a economia mundial, os efeitos poderão resultar mais brandos, beneficiando com o bom desempenho das economias em fase de desenvolvimento.

Implicações para as economias domésticas

Portugal

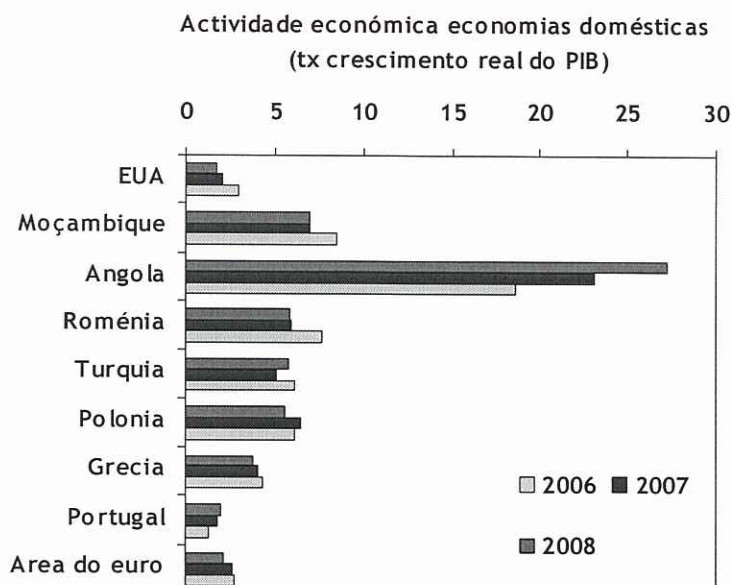
O ano de 2007 revelou-se favorável para economia portuguesa em vários domínios: trajetória desinflationista, redução do peso de défice público e crescimento real do PIB. Os dados disponíveis para o terceiro e quarto trimestres – crescimento real do PIB de 1,8% no terceiro trimestre e a estabilidade nos índices coincidentes de actividade em Outubro e Novembro - são compatíveis com um crescimento médio anual próximo de 2%. Também de assinalar, em 2007, o maior contributo da procura interna para o crescimento do PIB, em particular através do investimento empresarial. O consumo privado mantém um crescimento muito brando, decorrente da estagnação do emprego e das restrições aos orçamentos familiares, nomeadamente para cumprimento do serviço da dívida. A melhoria da competitividade tem vindo a reflectir-se numa

recuperação de quotas de mercado, mas o andamento mais moderado da actividade nos principais países de destino das exportações portuguesas deverá reflectir-se num abrandamento da procura externa.

A degradação nas condições de funcionamento dos mercados de capitais constitui um constrangimento importante, em particular para regiões económicas com um grau de abertura comercial e financeiro elevado como é o caso de Portugal. Num cenário de abrandamento mais pronunciado do crescimento mundial, a evolução das exportações poder-se-á revelar-se menos dinâmica do que o previsto e as condições de concessão de crédito poder-se-ão tornar mais restritivas, onerando o esforço de investimento actualmente em curso. O aumento do risco de crédito, que justifica o alargamento do diferencial entre as taxas de juro como a Euribor e a taxa de juro do BCE configura o equivalente a um aperto das condições monetárias na ordem de 50-75 p.b, e que é mais relevante para países onde a prática comum são os empréstimos a taxa de juro variável, como é o caso de Portugal. Este fenómeno, em conjunto com a valorização da moeda europeia –um subproduto da evolução relativa dos diferenciais de taxas de juro entre os EUA e a UEM- e do preço do petróleo, sugere que as condições monetárias enfrentadas pela economia portuguesa permanecem moderadamente adversas ao crescimento.

Existem também factores atenuantes e até poderão ocorrer surpresas positivas, destacando-se: (i) o facto do mercado imobiliário português ao longo dos últimos anos não ter evoluído em sintonia com os demais mercados europeus, em que se registaram expressivas valorizações do preço das casas, estando por esta via menos exposto a um ajustamento mais pronunciado; (ii) o grau de exposição do sistema bancário nacional às estruturas financeiras complexas relacionadas com a "crise do *subprime*" deverá ser pouco significativo; (iii) a expectativa de retoma de condições mais normais de funcionamento dos mercados à medida que se desenrole o próximo ano, decorrente do impacto desfasado das medidas que têm vindo a ser tomadas pelas autoridades e da divulgação das contas anuais das instituições financeiras, que deverá contribuir para reduzir os problemas de assimetria de informação e permitir a correcta diferenciação do risco entre as contrapartes; (iv) a resiliência das economias emergentes e a respectiva capacidade de suportar uma acentuada expansão do comércio internacional e, dada a acumulação de poupança nos últimos anos, de se constituírem como uma reserva financeira para a recapitalização de balanços (tal como evidenciado pela recente participação de investidores asiáticos e do médio oriente em capital de importantes instituições financeiras europeias e norte-americanas); (v) a expressiva melhoria dos mercados de emprego na Área do Euro (taxa de desemprego mais baixa dos últimos 15 anos), passível de sustentar uma retracção mais pronunciada do consumo.

Para o 2008 o nosso cenário consiste num crescimento real do PIB em Portugal semelhante ao registado em 2007, isto é na ordem dos 2%, reconhecendo que, de momento, os riscos para uma realização inferior ao esperado suplantam os factores positivos.



Enquadramento do Sector Segurador em Portugal

Em Portugal, o sector segurador apresentou em 2007 um crescimento de 5% dos prémios de seguro directo, facto justificado maioritariamente pela subida de cerca de 7% no ramo Vida, ao que se aliou o escasso apoio do segmento Não Vida, que apresentou a sua mais baixa taxa de crescimento desde, pelo menos, 1980.

Prémios de Seguro Directo (Milhões de euros)

Ramos	2007	2006	2005	Var. 07/06	Var. 06/05
Vida	9.369,3	8.761,5	9.136,3	6,9%	-4,1%
Não-Vida	4.379,9	4.361,3	4.307,9	0,4%	1,2%
Total	13.749,2	13.122,9	13.444,2	4,8%	-2,4%

Fonte: Associação Portuguesa de Seguradores.

Depois de ter decrescido em 2006 e nos primeiros trimestres de 2007, a produção do ramo Vida recuperou no terceiro trimestre deste ano um ritmo de crescimento positivo, sendo o volume de prémios acumulados do ano 7% superior ao do período homólogo do ano anterior. O referido crescimento no ramo Vida resulta essencialmente da expansão dos seguros de capitalização não ligados a fundos de investimento, que tem compensado nestes últimos tempos o decréscimo de contribuições para seguros ligados a fundos de investimento e PPR.

No segmento Não Vida a receita de Prémios de Seguro Directo apresenta uma estagnação, e um crescimento real negativo, se descontado o efeito da taxa de inflação. Desta forma, continuamos a assistir à consistente tendência de desaceleração dos anos anteriores, reflectindo a conjugação das dificuldades de recuperação da nossa economia com os ajustamentos tarifários em baixa que, por pressão concorrencial, estarão a ocorrer em alguns importantes ramos ou sub-ramos da actividade, dos quais se destacam os de Automóvel e de Acidentes de Trabalho.

Relativamente estagnados, embora com um crescimento ligeiro estão também os custos com sinistros de seguro directo do conjunto dos ramos Não Vida. Crescem significativamente em Acidentes de Trabalho, Doença e outros ramos de menor dimensão (como Mercadorias Transportadas, Responsabilidade Civil Geral e Diversos) enquanto em Incêndio e Outros Danos e Automóvel apresentam uma evolução negativa. Nestes últimos dois ramos observam-se, no entanto, aumento dos montantes pagos, que são compensados por inferiores variações das respectivas provisões para sinistros.

Comparativamente com a do período homólogo de 2006, a taxa de sinistralidade líquida de resseguro, do segmento Não Vida, agravou-se 1,8 pontos percentuais em 2007.

O ano de 2007 veio contrariar a tendência registada em 2006 aumentando a concentração no mercado segurador nacional, sendo que os cinco maiores grupos seguradores foram responsáveis por cerca de 69% dos prémios emitidos, o que compara com os 68% registados no final de 2006.

Análise do Ramo Vida

O ramo Vida volta a apresentar um crescimento positivo de 7% face ao período homólogo depois de uma quebra de 4% na receita em 2006, justificada não tanto pela quebra de volume de prémios no ano mas, pelo facto de 2005 ter sido um ano caracterizado por crescimentos excepcionais ao nível dos seguros de capitalização impulsionados pela Directiva Comunitária da Poupança que se revelou um forte atractivo para a alocação de investimentos por não residentes.

Excepcionais foram também os crescimentos verificados ao nível dos produtos de capitalização não ligados a fundos de investimentos na ordem dos 32%, os produtos tradicionais (Risco e Rendas) mantiveram a mesma tendência de crescimento registada em 2006, de cerca de 5%. A excepção à tendência de crescimento está nos Produtos de Poupança Reforma, com um decréscimo de 13% em 2007, ao que não foram alheias a conjuntura económica e as restrições aos orçamentos familiares observadas ao longo do ano.

Prémios de Seguro Directo (Milhões de euros)

Ramos	2007	2006	2005	Var. 07/06	Var. 06/05
Produtos de Capitalização	6.840,2	6.009,4	6.673,3	13,8%	-9,9%
Planos Poupança Reforma	1.698,2	1.961,3	1.714,2	-13,4%	14,4%
Risco e Rendas	830,9	790,8	748,9	5,1%	5,6%
Total	9.369,3	8.761,5	9.136,3	6,9%	-4,1%

Fonte: Associação Portuguesa de Seguradores.

No que se refere ao peso relativo deste segmento no total do mercado segurador nacional, este voltou a fixar-se nos 68% (à imagem do sucedido em 2005) após uma ligeira inflexão em 2006 (67%).

Contrariamente ao que assistimos em 2006, voltou a fazer-se sentir a tendência de concentração, registada nos últimos anos no ramo Vida, em torno dos cinco principais operadores do mercado nacional. De facto, os cinco principais grupos seguradores que representavam cerca de 79% do total do mercado segurador de Vida em 2006, representam já em 2007, 81% do mesmo mercado.

2. Síntese Global da Actividade da Ocidental Vida

O exercício de 2007 traduziu em resultados o forte empenho nos vectores estratégicos da inovação e da qualidade de serviço. O volume total de prémios registou uma variação homóloga de 19%, que compara com um crescimento global do mercado de apenas 7%, crescimento esse modesto face aos registos de anos anteriores.

Destacou-se ao longo do exercício em análise o crescimento do volume de vendas de produtos Unit-linked e Capitalização, que compensaram o decréscimo das vendas dos produtos PPR, este em linha com a tendência do mercado em 2007. A extraordinária dinâmica comercial da gama de produtos financeiros resultou do esforço continuado de inovação, com o lançamento de 12 novos produtos, e do excepcional empenho do Millennium bcp na consecução dos objectivos comerciais.

A Ocidental Vida passou a disponibilizar, em 2007, de um vasto leque de soluções de investimento, adaptáveis ao perfil de risco e à expectativa de retorno de todos os segmentos de Clientes do Millennium bcp, incluindo Private Banking.

Em Unit-linked, a oferta passou a assentar em três pilares:

- três produtos fechados: com taxa indicativa crescente; com indexação à Euribor; e com indexação à variação dos mercados accionistas;
- um produto aberto, com 5 estratégias de investimento adaptadas a outros tantos perfis de risco e a garantia de segurança de um seguro de vida risco;
- uma solução de gestão discricionária, exclusiva para Clientes do segmento de Private Banking.

A variação homóloga de 64% no volume de prémios de produtos Unit-linked assentou igualmente na melhoria do *time-to-market* de desenvolvimento de produtos, tendo sido disponibilizada uma oferta em contínuo ao longo de todo o exercício em análise, assim como soluções de investimento *tailor made* para Clientes com necessidades particulares na gestão do seu património financeiro.

Em capitalização, o volume de prémios aumentou 13%. A estrela foi o novo *Poupança 125*, produto de taxa garantida acrescida de participação nos resultados, que permitiu após a sua introdução quase duplicar o ritmo de vendas desta linha de produtos.

No que respeita aos produtos PPR, a oferta passou a assentar em 3 soluções: *PPR Capital Garantido*, produto que garante um bom potencial de rendimento no médio-longo prazo, fruto da

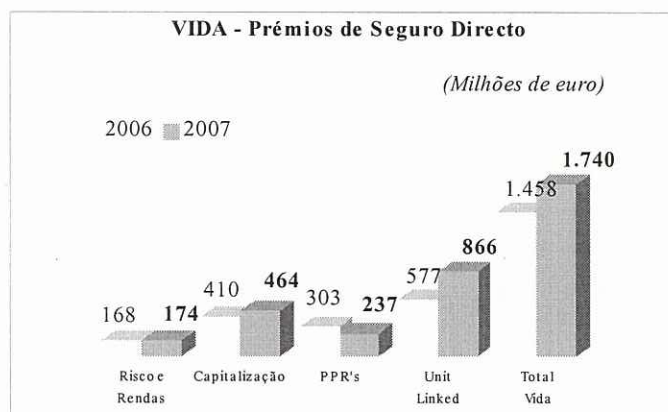
Handwritten signatures and initials:
b f L. RY
os
A large handwritten 'X' or '4' is also visible.

flexibilidade de gestão permitida pela simples garantia de capital; *Vantagem PPR*, solução com taxa mínima garantida de 3% acrescida de participação nos resultados; *Reforma*, produto desenhado para complementar as garantias da Segurança Social, construído em redor de um PPR, mas complementável com soluções abrangentes de protecção.

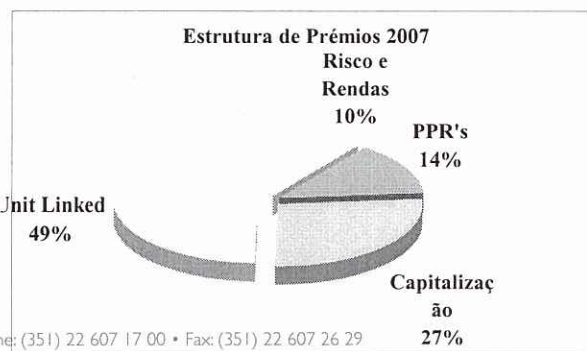
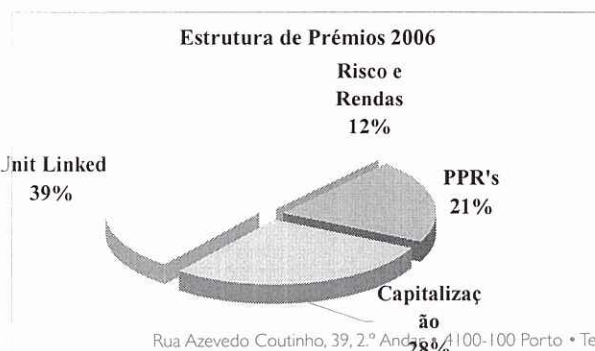
Com uma alargada gama de soluções de investimento, o Millenniumbcp Fortis apresenta a oferta mais balanceada de todo o mercado, num contexto em que os principais concorrentes dependem de apenas uma das linhas (UL, Capitalização ou PPR), estando numa clara posição de liderança quanto ao potencial de desenvolvimento do negócio.

A qualidade da oferta deste tipo de produtos ficou também espelhada na taxa de reinvestimento registada em 2007: 6 em cada 10 Clientes detentores de produtos financeiros na Companhia optaram, a maior parte ao fim de 8 anos de permanência, por reaplicar os seus activos por igual período, numa das muitas soluções disponíveis na nova oferta de produtos.

Em Vida Risco (excluindo Rendas), a Ocidental Vida registou um crescimento de 8% (contra cerca de 5% do mercado), fruto de elevada taxa de penetração em venda associada, da redução da taxa de anulação e do efeito positiva das campanhas com visibilidade nas Sucursais do Millennium bcp.



No que respeita à estrutura dos prémios em 2007 verificou-se um acentuado crescimento dos produtos do tipo Unit Linked (de 39% em 2006 para 49% em 2007), tendo os restantes ramos perdido peso comparativamente com o ano anterior. Os Planos de Poupança Reforma/Educação viram o seu peso diminuir 7 p.p.; Risco e Rendas registaram igualmente um decréscimo, devido ao menor contributo das Rendas; verificou-se ainda uma ligeira redução do peso dos outros produtos de capitalização, apesar do crescimento verificado ao nível dos prémios.



O número total de apólices em vigor ascendia em, 31 de Dezembro de 2007, a 1.451 milhares representando um acréscimo de 6,7% face às 1.359 mil em vigor em Dezembro de 2006. Verificou-se um crescimento em todos os ramos, com especial destaque para Capitalização com um crescimento de 11% e Unit Linked com um incremento de 8%.

De facto a liderança sustentada na actividade bancassurance do Millenniumbcp Fortis tem sido fruto de um contínuo empenho em concretizar, com iniciativas de cross-selling, todas as oportunidades que acrescentem valor e protecção a cada Cliente. Como resultado dessa estratégia, tem sido possível apresentar níveis record de penetração de seguros de risco associados a operações e produtos bancários (com registos que constituem *benchmarks* internacionais), de onde se destacam os produtos de vida risco associados ao crédito habitação e crédito pessoal.

2007 ficou também marcado pela atribuição e confirmação, pela Fitch Ratings, das notações de rating (IFS - Insurer Financial Strength) de "A+" e "Outlooks Stable" da Ocidental Vida, notações suportadas pelo forte posicionamento concorrencial do Grupo no mercado segurador Português, assim como pelos elevados níveis de rentabilidade e forte solidez financeira.

Síntese da evolução económico-financeira

A **margem técnica antes de imputação de custos operativos** situou-se nos 156.919 milhares de euros, o que corresponde a um crescimento de 23% relativamente ao ano anterior, e a 9% dos prémios brutos emitidos. Esta evolução positiva deve-se essencialmente ao forte crescimento ocorrido ao nível dos produtos de Risco e Unit Linked.

Os **resultados financeiros afectos às reservas técnicas**, deduzidos dos custos de gestão dos investimentos, situaram-se em 222.698 milhares de euros, evidenciando um crescimento de 62% quando comparados com os 137.729 milhares de euros do ano anterior.

Nos seguros não ligados a fundos de investimento o crescimento verificado foi de 23% (de 118.172 milhares de euros em 2006 para 145.695 milhares de euros em 2007), espelhando por um lado uma política de gestão criteriosa dos activos financeiros e, por outro lado, o crescimento do valor dos activos sob gestão.

Os **custos administrativos**, por seu lado, evidenciaram uma redução de 1,8% face ao período homólogo, para os 34.941 milhares de euros, reflectindo um controlo rigoroso das despesas.

A evolução favorável da margem técnica aliada à redução dos custos de exploração justifica o crescimento de 22% nos **resultados antes de impostos**, que atingiram em 2007 os 132.970 milhares de euros (108.921 milhares de euros em 2006). O **resultado líquido** após impostos cifrou-se em 97.230 milhares de euros.

Ao nível da situação patrimonial é de referir que o **activo líquido** atingiu os 10.029.749 milhares de euros, o que resulta num acréscimo de 6,6% em relação ao ano anterior.

[Handwritten signatures and initials]

A **situação líquida** da Ocidental Vida situou-se nos 425.668 milhares de euros, ou seja um acréscimo de 28% em relação ao ano anterior, a que corresponde um **ratio de solvência** de 152%.

O **Embedded Value** registou uma evolução positiva de 14,7%, face a 2006, situando-se nos 936.934 milhares de euros.

Este indicador fornece uma estimativa do valor dos accionistas numa operação do ramo vida, excluindo o valor que poderá vir a ser gerado pela produção nova futura, sendo igual à soma da situação líquida com o valor da carteira em vigor.

Na determinação do seu valor, foram não só aplicados os princípios estabelecidos ao nível do Grupo Fortis, mas também os European Embedded Value (EEV) Principles, ou seja, os cálculos contemplam o custo associado às opções e garantias (CFOG) existentes ao nível da carteira em vigor.

3. Proposta de Aplicação de Resultados

O resultado líquido de impostos da Ocidental – Companhia Portuguesa de Seguros de Vida, S.A. foi de euros 97.229.639,30 (noventa e sete milhões duzentos e vinte e nove mil seiscentos e trinta e nove euros e trinta centavos) considerando o que consta do relatório do Conselho de Administração e nos termos da alínea b) do nº 1 do artigo 376º do Código das Sociedades Comerciais, propõe-se a seguinte aplicação:

- Euros 97.229.639,30 (noventa e sete milhões duzentos e vinte e nove mil seiscentos e trinta e nove euros e trinta centavos), para resultados transitados.

4. Perspectivas para 2008

Incremento do esforço de vendas de produtos financeiros, por forma a assegurar níveis sustentados de penetração na base de Clientes do Millennium bcp, é o principal desafio para o exercício de 2008. Tendo presente que o volume de provisões matemáticas de balanço ultrapassa já os 9 mil milhões de Euros e que as oportunidades de crescimento passam por uma ainda mais apurada segmentação de Clientes, verificar-se-á um grande enfoque na construção e comercialização de soluções de produto inovadoras e orientadas para os perfis de risco e expectativas de retorno do diversos segmentos.

Naturalmente que ao esforço de inovação corresponderá, como nos exercícios anteriores, um forte investimento na melhoria da qualidade do serviço prestado aos Clientes externos e internos, através do desenvolvimento de processos robustos e inovadores, e do empenho de uma equipa de Colaboradores profissional e fortemente motivada, que incorpora na actividade diária os valores essenciais da excelência operativa, da eficiência operacional e da orientação para o Cliente.

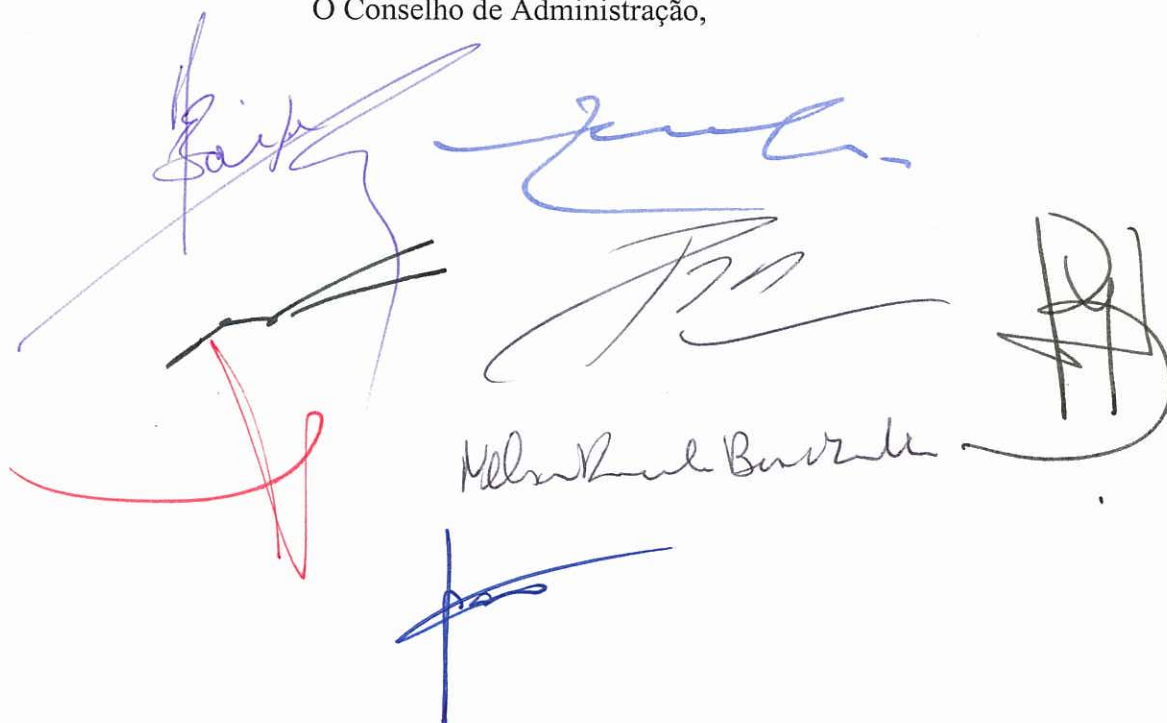
Referências

O Conselho de Administração expressa o seu agradecimento a todos aqueles que contribuíram para os resultados alcançados:

- Aos Clientes pela confiança que continuaram a demonstrar.
- Às Redes Bancárias pela forte motivação comercial manifestada.
- Aos Colaboradores que, com entusiasmo, participaram com a sua contribuição e esforço.
- Ao Conselho Fiscal pela forma interessada como acompanhou a vida da Empresa.
- Ao Instituto de Seguros de Portugal e à Associação Portuguesa de Seguradores pelo empenho que sempre demonstraram no desenvolvimento das Seguradoras.
- Aos Senhores Accionistas pela compreensão, apoio e confiança sempre manifestados.

Lisboa, 29 de Fevereiro de 2008

O Conselho de Administração,

The image shows several handwritten signatures in blue and red ink. One signature is in red ink, while the others are in blue. The signatures are written in a cursive, stylized manner. Below the signatures, the name "Mário Rui Barata" is written in a cursive script. To the right of the name, there is a large, stylized signature that appears to be "Mário Rui Barata" written in a more formal, blocky style.